



GUIA DO/A  
**EDUCADOR/A**  
MHNJB-UFMG

Guia do/a Educador/a do Museu de História  
Natural e Jardim Botânico da UFMG

2025



MUSEU DE  
HISTÓRIA NATURAL  
E JARDIM BOTÂNICO  
DA UFMG



## **Concepção**

Adriana Mortara Almeida  
Wellington Luiz

## **Redação**

Wellington Luiz  
Ellen Fernandes  
Adriana Mortara Almeida  
Rayssa Soares

## **Revisão**

Fernanda Antunes  
Lili Panachuk  
Bianca Ketlen

## **Editorial**

Jhéssica Trindade

APOIO:



Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG  
Belo Horizonte, 2025

**Concepção**

Adriana Mortara Almeida  
Wellington Luiz

**Redação**

Wellington Luiz  
Ellen Fernandes  
Adriana Mortara Almeida  
Rayssa Soares

**Revisão Textual**

Fernanda Antunes Carvalho  
Lilian Panachuk de Sá  
Bianca Ketlen

**Editorial**

Jhêssica Trindade

**Elaboração da ficha catalográfica**

Maria Leonor Amorim Antunes  
(Bibliotecária)

**Tiragem**

E-book (PDF)

**Registro ISBN**

ISBN nº: 978-85-62164-15-6

**Catálogo na Publicação (CIP)**

A447 Almeida, Adriana Mortara.

Guia do/a Educador/a do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG / Adriana Mortara Almeida, Wellington Luiz – Belo Horizonte, 2025.

Recurso online (68p.). il.

Modo de acesso: WWW

Publicação digital (e-book), formato PDF

ISBN nº: 978-85-62164-15-6

1.Roteiro educativo. 2.Educação museal. 3.Pedagogia Museal. I.Universidade Federal de Minas Gerais. II. Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. III. Título.

CDD:370.71

Bibliotecária: Maria Leonor Amorim Antunes CRB6: MG-003354/O

Publicação digital – Brasil

1ª edição – março – 2025

ISBN: 978-85-62164-15-6



Atribuição-Não Comercial-Compartilhável Igual CC-BY-NC-SA

# Sumário

Apresentação.....	6
Histórico do MHNJB.....	8
O que é museu?.....	13
Educação museal.....	19
Acessibilidade e inclusão.....	28
Abordagem para diferentes públicos.....	36
Visitação ao MHNJB-UFMG.....	43
Temas que podem ser abordados nas visitas educativas.....	48
Os roteiros de visitas educativas ao MHNJB-UFMG para grupos agendados.....	58
Continuidade.....	60
Referências.....	61
Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.....	66



# Apresentação

Este Guia faz parte dos produtos previstos no projeto “Materiais educativos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG: rompendo fronteiras” elaborado pela equipe do Setor Educativo do MHNJB-UFMG e contemplado na “Chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 39/2022 - Linha 3 - Divulgação científica e educação museal em espaços científico-culturais”.

A necessidade de um material escrito atualizado que possa servir como orientação inicial aos estudantes bolsistas e aos técnicos que venham atuar junto ao Setor Educativo do MHNJB-UFMG era percebida há muito tempo pela equipe do Setor. Para responder a esta necessidade, ao longo do tempo, foram produzidos inúmeros textos de orientação sobre os roteiros educativos e outros temas pertinentes às ações educativas do MHNJB-UFMG, pela equipe do Setor Educativo,

por equipes de outros setores e por docentes com projetos de extensão no museu. Entretanto, esses materiais estão dispersos e muitas vezes se perdem.

A proposta deste Guia, em formato de ebook, é que essas orientações estejam centralizadas e acessíveis a todas as pessoas que integrem as ações educativas do MHNJB. O formato digital facilita a renovação de conteúdos e de referências.

A partir da leitura e análise crítica de guias anteriormente elaborados pelo Educativo do MHNJB-UFMG e de materiais similares de outras instituições museológicas e educacionais, foram definidos estrutura e conteúdos a serem tratados neste Guia.

O Guia está estruturado em duas partes: uma primeira que apresenta o MHNJB, traz um histórico, alguns conceitos,

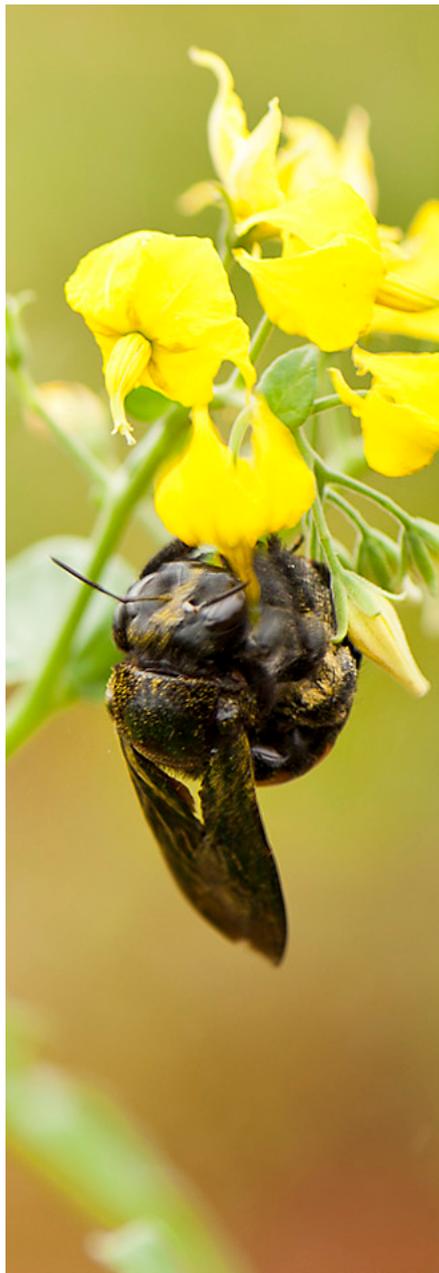
normas e elementos de pedagogia e de educação museal; a segunda parte trata dos roteiros educativos (circuitos) existentes, apresentados de maneira resumida. Neste volume apresentamos a primeira parte.

Agradecemos a todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para a construção deste Guia.

### **Boa leitura!**

*Fernanda Bichara, Nilzilene Lucindo, Gabriel Casela, Edilene Avelar (Equipe do Setor Educativo do MHNJB-UFMG)*

*Adriana Mortara Almeida (Coordenadora do projeto "Materiais educativos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG: rompendo fronteiras")*



Tomate (*Solanum lycopersicum*) sendo polinizado pela mamangava (*Xylocopa frontalis*) de Priscila Araújo

# 1

## Capítulo

# Histórico do MHNJB

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB-UFMG) é um museu universitário que tem como principais objetivos: atividades de difusão e preservação do acervo natural, científico e cultural sob sua guarda; a realização de ações de extensão universitária, o desenvolvimento de pesquisas, promover a educação ambiental, patrimonial e museal, além de sediar aulas de cursos de graduação e pós-graduação. Entre as ações de extensão realizadas pelo museu

estão as educativas, composta por cursos, oficinas, visitas escolares previamente agendadas, bem como uma série de eventos abertos aos públicos, tais como Programação de Férias, Lua Cheia no Horto, dentre outras atividades. O museu também abriga projetos de extensão ligados a diferentes áreas. As finalidades do MHNJB estão previstas em seus documentos orientadores, ou seja, em seu regimento e plano museológico, que estão disponíveis no [site](#) do museu para consulta.

---

Para conhecer o regimento do MHNJB-UFMG veja no site do museu. Lá você pode conhecer os objetivos e estruturas do museu.

Dentro da estrutura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Museu de História Natural e Jardim Botânico (**MHNJB**) é um órgão suplementar vinculado diretamente à reitoria.

O **MHNJB** criado em 1969, pela UFMG, está localizado no bairro Santa Inês, na cidade de Belo Horizonte e é um importante espaço patrimonial de biodiversidade, com inúmeras espécies da fauna e flora brasileiras.

A área onde o museu está localizado já foi sede da fazenda Boa Vista, no fim do século XIX, que abrangia vários bairros da região. Essa fazenda foi adquirida, no início do século XX, pela Comissão Construtora de Belo Horizonte e depois o Estado repassou partes do terreno a várias instituições, entre elas

a UFMG. A UFMG ficou com a área que constitui o museu e possui aproximadamente 600.000 m<sup>2</sup>, o que equivale a 60 campos de futebol.

Por ter sido sede de uma fazenda, a área teve perda significativa da cobertura vegetal originária e a flora que se apresenta hoje ao visitante é uma **mata secundária**, que ainda está em processo de sucessão ecológica (regeneração). Embora Belo Horizonte esteja localizada em uma região de transição entre Mata Atlântica e Cerrado, o Museu apresenta uma área de Mata Atlântica secundária (regenerada), e é considerada a terceira maior área verde visitável de Belo Horizonte. Nesta mata há espécies da fauna tais como cutias, macacos-prego, micos-estrelas, teiús e serpentes. O Museu de História Natural abriga exposições de várias áreas do conhecimento: Arqueologia, Paleontologia, Botânica, Cartografia Histórica, entre outras. Nem sempre os visitantes poderão conhecer todos estes espaços expositivos, seja pelo tempo que dispõem ou pelo período em que alguma das exposições esteja fechada ou com

lotação máxima de público. Há ainda o caso de grupos agendados que geralmente visitam apenas os espaços incluídos no circuito de visita solicitado.

Para conhecer a estrutura organizacional do MHNJB veja o organograma disponibilizado no site do museu



Centro de Referência em Cartografia Histórica (Palacinho) de Foca Lisboa

Enquanto Jardim Botânico, o MHNJB abriga coleções vivas de plantas, algumas delas documentadas e que são objeto de pesquisas científicas, com o objetivo de promover a identificação e conservação das espécies vegetais. Além disso, uma característica fundamental dos Jardins Botânicos é que estes são abertos ao público e possuem projetos que visam à educação ambiental. A partir do avanço da urbanização e o aumento das ações antrópicas, que propiciam ameaças ao ambiente natural, os Jardins Botânicos se fizeram grandes aliados da preservação dos ecossistemas naturais, visto que neles são realizados trabalhos de conservação ex situ (fora de seu local de origem) de plantas que, muitas vezes, estão ameaçadas de extinção. Ademais, a Educação Ambiental oferecida por essas instituições têm um papel muito importante na conservação do meio ambiente, uma vez que o conhecimento trabalhado ajuda a demonstrar a importância da preservação dos ecossistemas, conscientizando os visitantes e, ainda, aumentando o interesse deles nessas questões.



*Thunbergia mysorensis*  
de Miguel Aum

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG conseguiu o título de Jardim Botânico em março de 2010 e se enquadra na categoria C, de acordo com a Resolução do CONAMA no 339/2003. O setor Jardim Botânico do Museu é responsável pela manutenção de toda a área verde do Museu, incluindo a reserva florestal (conservação in situ) e as Coleções Científicas de Orquídeas e Bromélias, em parceria com o Departamento de Botânica da UFMG. O acervo é formado por exemplares da flora nativa que incluem espécies raras, endêmicas e ameaçadas de extinção da flora de Minas Gerais, com a finalidade de conservação ex situ, para estudos taxonômicos, filogenéticos e de biologia reprodutiva. Há um viveiro que produz mudas de espécies nativas, para recomposição das áreas degradadas da reserva florestal e manutenção dos jardins paisagísticos. E ainda é responsável por estufas e jardins didáticos com exposição de plantas, como o Jardim Sensorial e o Orquidário.

Explore o site do MHNJB, veja o que oferece aos usuários. Ele apresenta um histórico mais detalhado e outras informações que são atualizadas constantemente.



*Brasiliopuntia brasiliensis*  
de Miguel Aum

# 2

## Capítulo O que é museu?

**E**m agosto de 2022, na cidade de Praga, durante a Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), foi estabelecida uma nova definição de museu. Foi um processo longo de discussão ocorrido entre 2016 e 2022, e envolveu profissionais de diversas instituições do mundo, e culminou na seguinte definição:

*“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa,*

*colecciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos”. (ICOM, 2022)*

Essa nova definição e outras que já existiram buscam orientar as instituições em sua organização, refletindo as transformações sociais e paradigmáticas, pelas quais o mundo passa. Nesse sentido, a definição de 2022 passou a abranger em seu texto os conceitos de inclusão e acessibilidade, bem como diversidade e sustentabilidade.

Apesar de existir uma definição geral de museu, é importante destacar a existência de uma diversidade de dimensões, de formas de organização, de tipologias estabelecidas pelos acervos, temas tratados, organização, entre outras características que moldam diferentes museus. Além disso, é possível o museu se encaixar em mais de uma dessas tipologias, por exemplo, existem os de ciência, de história, os comunitários, virtuais, de artes plásticas e visuais, dentre outros.

Se quiser saber mais sobre conceitos da área de museologia, sugerimos os Conceitos-chave de museologia, livro publicado pelo Conselho Internacional de Museus, inicialmente em 2010, e traduzido em vários idiomas, inclusive o português.



Pau-brasil (*Paubrasilia echinata*) de João R. Stehmann

## 2.1. O que é um “museu de história natural”?

Museus de História Natural foram criados com o desenvolvimento da ciência moderna, com intuito de coletar, organizar e de alguma maneira dominar a natureza, pelo ser humano. Ao longo dos séculos XIX e XX passaram a abrigar vestígios humanos e coleções antropológicas, ampliando ainda mais as temáticas tratadas. As visões evolucionistas e de “progresso” permearam a incorporação da história humana nesses museus.

*“Na qualidade de instituições de memória, os museus de história natural possuem características essenciais que os singularizam frente aos demais espaços consagrados à memória coletiva. Tanto no passado como na atualidade, vinculam-se aos projetos científicos de coleta, pesquisa e classificação da natureza ou, como é também denominado, “mundo natural”. Compartilham, com maior ênfase a partir*

*do século XX, temáticas com os denominados museus de ciência e técnica sem deixarem de lado suas singularidades”.* (Loureiro, 2007, p.163)

A trajetória dos museus de história natural está embebida das visões de natureza e da relação dos seres humanos entre si e com a natureza, como afirma Timothy Lenoir, em palestra proferida em 1997:

*“O principal ponto que quero argumentar aqui é que a representação de tais entidades privilegiadas como natureza, em tais locais privilegiados como os museus, é sempre marcada pelos interesses das pessoas que fazem a representação; isto contribui para a projeção dos interesses humanos sobre a natureza: a ‘naturalização’ - e portanto, contribui para o privilégio e universalização de interesses políticos específicos.”* (Lenoir, 1997, p.56)

Diferentemente de muitos museus de história natural, o MHNJB-UFMG além de apresentar um rico acervo, está também inserido num espaço verde e conta com um Jardim Botânico.

---

### Você sabia?

O Museu Nacional do Rio de Janeiro é um museu de história natural e foi o primeiro a ser criado no Brasil, em 1818, denominado então de Museu Real. Ele passou a ter um horto botânico em 1896. E, assim como o MHNJB-UFMG, o Museu Nacional é um museu universitário (foi incorporado à UFRJ em 1946).



Jardim do Palacinho de Foca Lisboa



## 2.2. Mas o que é um Jardim Botânico?

Jardins Botânicos são reservas naturais que desenvolvem pesquisas e estão abertas à visitação. De acordo com a Resolução 339 do CONAMA:

*"(...) o entende-se como jardim botânico a área protegida, constituída no seu todo ou em parte, por coleções de plantas vivas cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas, com a finalidade de estudo, pesquisa e documentação*

*do patrimônio florístico do país, acessível ao público, no todo ou em parte, servindo à educação, à cultura, ao lazer e à conservação do meio ambiente."*

## Entre as funções de um jardim botânico estão:



Compreender e documentar a diversidade de plantas;



Conservar a diversidade de plantas;



Promover a educação e a conscientização sobre a diversidade de plantas;



Promover o uso da diversidade de plantas de forma sustentável;



Estimular e promover a capacitação para a conservação da diversidade de plantas.

### Você sabia?

Na definição completa de museu elaborada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) são considerados museus também os jardins botânicos e zoológicos, uma vez que atuam na preservação, comunicação e educação a partir de elementos do patrimônio material e imaterial, incluindo seres vivos.

Agora que já tratamos do que é um museu, museu de história natural e jardim botânico, vamos falar sobre uma das áreas de atuação do museu: a educação museal.

# 3

## Capítulo Educação museal

O museu tem como uma de suas funções sociais, a educação. Muitas vezes é considerado um espaço de educação complementar ou ilustrativo dos conteúdos abordados no ambiente escolar, visão limitada de seu potencial educativo. Vale destacar que o processo educativo em um museu é constituído por múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o público. Assim, a educação museal tem caracte-

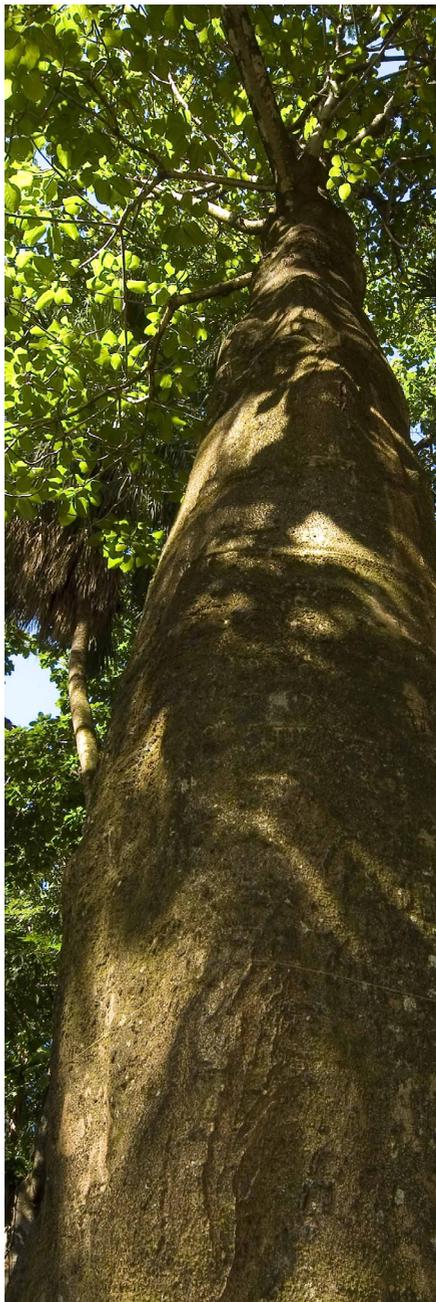
rísticas próprias e distingue-se da realizada nas escolas; essa diferenciação não visa uma hierarquização entre essas ações educativas, mas tem o objetivo de estabelecer compreensão sobre as suas particularidades. Segundo Marandino (2008), o processo educativo dos museus se organiza em função dos seguintes elementos: **lugar, tempo, objeto e linguagem**. Vale destacar que, tal qual coloca Costa et al (2017), a educação museal tem como foco a formação dos sujeitos em interação

com os objetos musealizados, com os educadores dos museus e a experiência da visita, sendo uma parte da educação geral dos indivíduos. Costa et al (2017) coloca também que uma das características da educação museal é o "reconhecimento e o acolhimento dos diferentes sentidos produzidos pelos variados públicos visitantes e das maneiras de ser e estar no museu" (COSTA, et al, 2017, p. 73).

Em 2017, como fruto de discussões iniciadas no ano de 2010 no 1º Encontro de Educadores do Ibram, foi estabelecida a Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Essa política tem a finalidade de orientar as práticas educacionais em museus e fortalecer esse setor, além de estabelecer a educação museal como função do museu, explicitada em lei e nos documentos norteadores do campo (BRASIL, 2017).

---

**Recomendamos a leitura do Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.**



Barriguda (*Cavanillesia umbelata*) de Miguel Aum

## Algumas características da educação museal:



É planejada e possui intencionalidade educativa;



Promove o diálogo e acolhe as falas, impressões, dúvidas dos visitantes valorizando as suas experiências;



É baseada em conhecimentos produzidos a partir dos acervos;



Pode apresentar os conteúdos expostos de maneira lúdica;



Valoriza objetos/acervos e patrimônio imaterial.

Qualquer ação de educação museal deve ser planejada levando em conta os públicos-alvo, os objetivos, o ambiente/ contexto do museu e o tempo da visita. O tempo da visita é uma dimensão importante a ser considerada na realização das atividades educativas, pois interfere na maneira como são organizadas as atividades da visita, os conteúdos abordados e as adaptações.

## A avaliação no cotidiano

As atividades educativas de um museu passam por três etapas: o planejamento, a realização e a avaliação. Muitas vezes a etapa de avaliação não ocorre, mas essa etapa é fundamental para a qualificação das oficinas, visitas e outras atividades realizadas pelo setor educativo. Assim, é importante inserir na rotina um momento de reflexão e avaliação das atividades realizadas, por meio de uma conversa entre a equipe que realizou a ação educativa para levantar os pontos positivos, as dificuldades e soluções para melhorar a atividade. Além disso, esse deve ser um momento de reflexão sobre a ação com base na teoria e na prática. Essa avaliação pode ser registrada em um caderno para que os outros educadores possam ter acesso e também servir como um registro das atividades e reflexões dos educadores.

## Menos é mais.

A educação museal pressupõe planejamento e conteúdos, entretanto é bom lembrar que não é preciso tratar de grande quan-

tidade de temas ou conteúdos. A definição de um eixo/ tema específico auxilia no desenvolvimento das atividades e no entendimento dos participantes. Por exemplo, uma atividade com objetivo de tratar da importância das abelhas para a polinização precisa ficar focada no objetivo e não ampliar demais os conteúdos, para não perder o “fio da meada”.

---

### Educação museal ou educação em museus?

Nas duas últimas décadas, o termo “museal” se consolidou como adjetivo para tudo que se refere ao museu. Houve uma substituição de muitas expressões, entre elas da “educação em museus” para “educação museal”. Entretanto, nem todos autores e instituições adotaram essa denominação para suas teorias e práticas em educação.

Para saber a diferença entre “museal” e “museológico” vide:

### 3.1. Educação ambiental em museus

A educação ambiental está prevista na legislação brasileira para ocorrer em espaços de educação formal e não formal. Há no Brasil a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795, de 1999) que prevê essa modalidade de educação como processos direcionados a construir nos indivíduos e na sociedade valores sociais, habilidades, atitudes e competências para a conservação do meio ambiente, a compreensão sobre os seus usos comum aos povos e a importância da natureza para a qualidade de vida e princípios da sustentabilidade.

A educação ambiental deve ser realizada considerando a junção entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural. Além disso, em função dessa interdependência do meio ambiente com diversas áreas e enfoque, deve ter as suas ações, concepções pedagógicas baseadas em uma perspectiva inter, multi e transdisciplinar, de maneira democrática e participativa. É importante destacar também que

as questões devem se atentar para a abordagem dos temas de maneira articulada às escalas local, regional, nacional e global. Assim, o objetivo é desenvolver nas pessoas uma compreensão integrada em relação ao meio ambiente, com suas múltiplas e complexas relações, que englobam características ecológicas, psicológicas, legais, políticas, sociais, econômicas, científicas, culturais e éticas.

As ações educativas de educação ambiental devem buscar levar em consideração a realidade do contexto social dos participantes, evitando ser meramente transmissoras, mas sim pautadas no diálogo e na reflexão crítica. (VAN LONKHUIJZEN et al, 2022).



Mico-estrela (*Callithrix penicillata*) de Miguel Aum

Os espaços dos museus e dos jardins botânicos se apresentam como locais potentes para a realização de práticas de educação ambiental, pois permitem abordar os temas por meio de suas exposições, objetos e acervos vivos, relacionando com o cotidiano dos visitantes de maneira transdisciplinar e utilizando metodologias diversas para alcançar os objetivos da ação educativa. (VAN LONKHUIJZEN et al, 2022).

---

**Para saber mais sobre as ações e Programa de Educação Ambiental e Patrimonial do MHNJB, acesse:**

No Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB) são desenvolvidas ações de educação ambiental com o objetivo de:

1. Estimular a percepção e interpretação ambiental, considerando as características particulares da área do MHNJB;
2. Promover discussões sobre:
  - A relação entre o meio ambiente e a saúde humana;
  - A Biodiversidade e os serviços ecossistêmicos;
  - A diversidade e vida dos animais pré-históricos;
  - Os processos de transformação dos bens naturais em objetos de uso cotidiano e outros artefatos culturais;
  - As culturas de povos pré-coloniais;
  - Culturas populares de Minas Gerais;
  - O papel dos jardins botânicos para a conservação da biodiversidade;

3. Realizar eventos científicos e culturais, promovendo o acesso ao acervo e à biodiversidade do MHNJB;

4. Contribuir para a formação interdisciplinar dos estudantes de graduação

Diversos roteiros educativos do MHNJB utilizam a abordagem da educação ambiental, na perspectiva aqui apresentada, que inclui aspectos socioculturais.

Outra abordagem utilizada nas ações do MHNJB é a “educação patrimonial”.



Folhas de Miguel Aum



Umbuzeiro (*Phytolacca dioica*) de Mario Sousa Junior

### Você sabia?

A “educação patrimonial” passou a fazer parte da estrutura do IPHAN com a criação da GEDUC - Gerência de Educação Patrimonial em 2004. Foram definidos eixos e metas de atuação e implementadas diversas ações. Esse processo pode ser conhecido por meio da publicação **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: Histórico, conceitos e processos** disponível em:

## 3.2. Educação patrimonial em museus

O termo “educação patrimonial” passou a ser utilizado no Brasil para denominar e caracterizar ações educativas em museus no final dos anos 1980. Em uma mistura de teoria e prática, propunha a leitura dos objetos musealizados em etapas, desde a observação de suas características físicas até sua interpretação e “apropriação”.

Baseava-se na ideia de que

*“Saber identificar, observar, descrever e interpretar os bens culturais contribui para a compreensão da realidade em que se vive, do passado e também possibilita a criação, re-criação e preservação do patrimônio cultural.” (Horta et al., 1999)*

É fundamental conhecer o patrimônio, mas isso não é suficiente para garantir sua preservação. Átila Tolentino apresenta uma revisão crítica sobre o tema da educação patrimonial e afirma que:

*“O campo do patrimônio, como sabemos, é um campo de conflitos e de construção social e, ao adentrar nele, não se pode ser ingênuo. Por isso, a educação patrimonial, para que possa ser efetiva, implica ir além do conhecer para preservar; é necessário que se propicie a reflexão crítica. E, a partir dessa reflexão, buscar a transformação da realidade.” (Tolentino, 2016, p.46)*

Nas ações educativas do MHN-JB a educação patrimonial é uma abordagem que permite trabalhar principalmente o patrimônio arqueológico, natural e histórico presente nas exposições e no Jardim Botânico.

---

### Para saber mais

**Workshop Memória, Patrimônio e Educação. Rede de Pesquisa em Museologia, Memória e Patrimônio (REDMus). Átila Tolentino. Agosto de 2021.**

**Live 1 – Educação Patrimonial na escola e para além da escola! (Átila Tolentino) Rede Internacional de Educação Patrimonial - RIEP Red Internacional de Educación Patrimonial.**

# 4

Capítulo

## Acessibilidade e inclusão

**E**ntre os diversos visitantes do MHNJB-UFMG encontram-se as pessoas com deficiências. Para atendê-las adequadamente é preciso ampliar conhecimentos sobre deficiências, acessibilidade e inclusão.

A Lei 13146, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) de 2015, tem o objetivo de assegurar e promover o exercício dos direitos das pessoas com deficiência. A LBI define:

*Art. 2º Considera-se **pessoa com deficiência** aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)*

A legislação brasileira e os movimentos que trabalham em prol da acessibilidade, atualmente, utilizam o **termo pessoa com deficiência**, não mais portador de deficiência ou a caracterização de “especial”. Essa abordagem busca transpor o **modelo médico** e se aproximar do **modelo social**. O **modelo médico**, que perdurou de maneira proeminente entre as décadas 1960 e 1970, traz a visão de que a deficiência é um fator a ser superado por meio de uma intervenção médica, com o intuito de permitir as pessoas com deficiência a se adaptarem e integrarem aos “padrões normais” da sociedade. Nesta perspectiva, a pessoa deficiente é encarada como responsável pela sua deficiência e pelas barreiras e desafios que encontra. Já o **modelo social** ganhou proeminência nos anos finais da década de 1970 e início da década de 1980, por meio da luta por direitos das pessoas com deficiência. Esse modelo “reconhece que é a sociedade, e não o indivíduo com deficiência, responsável pela criação de barreiras e cabe, portanto, a ela eliminá-las dando plenas condições para que todos pos-

sam nela atuar e participar.” (TOJAL, 2010, p. 03). Com o modelo social a pessoa com deficiência assume um papel de protagonista da luta por seus direitos, nesse contexto surge o lema “Nada sobre nós, sem nós”. Nesse sentido, há uma luta pela autonomia e também a construção das identidades das pessoas com deficiência, a exemplo a cultura surda e a neurodiversidade.



Capuchinha (*Tropaeolum majus*) de Miguel Aum

## Neurodiversidade

Em 1998, a socióloga australiana autista Judy Singer definiu a neurodiversidade como a grande variedade de composições neurológicas existentes nos seres humanos. Sob essa perspectiva, as diversas características neurológicas, sensoriais, comunicativas e sociais que se manifestam entre os indivíduos consistem em alterações naturais do desenvolvimento humano, ou seja, todas as mentes são naturalmente neurodiversas.



*Salvinia* sp de Miguel Aum

10 que difere é a interpretação cultural atribuída às mentes que não se adequam aos padrões estabelecidos no tecido social. Nesse contexto, a expressão “neurodivergente” surgiu para referir-se a pessoas que apresentam desenvolvimento cognitivo, comportamental, neurológico e/ou neuroanatômico diferente do esperado socialmente. Além de autistas, é o caso de indivíduos com TDAH, transtorno bipolar, dislexia e várias outras condições. Já “neurotípico” caracteriza um indivíduo que apresenta neurodesenvolvimento considerado regular em termos sociais. (Coletivo Autista da UFMG. Lugar de Autista é na UFMG: Cartilha pedagógica para professores, 2023, p.5)

---

### Para saber mais

O Coletivo Autista da UFMG elaborou um Manual para professores em 2023.

A legislação brasileira define acessibilidade como

*(...) possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015)*

A legislação prevê a acessibilidade para garantia do direito à cultura, ao esporte, ao lazer e ao turismo. Sendo prevista a garantia de acesso de maneira acessível a bens culturais, cinemas, museus, teatros, dentre outros.

Desse modo, é preciso pensar em ações que permitam a acessibilidade em museus de maneira que as exposições, os serviços de informação, as

ações educativas, divulgação das atividades possam ser acessadas por todos os indivíduos e de modo a garantir a sua autonomia. Assim, as instituições precisam se atentar para a inclusão por meio das acessibilidades **atitudinais, físicas e comunicacionais**. A **atitudinal** está relacionada à necessidade de as equipes dos museus compreenderem a existência dos direitos das pessoas com deficiências e com isso possibilitar a recepção, acolhimento dos visitantes sem atitudes discriminatórias, estigmatizadas e capacitistas. Nesse sentido, respeitando a autonomia e as capacidades das pessoas, a principal forma de possibilitar a acessibilidade atitudinal é por meio da formação da equipe e a convivência com pessoas com deficiências, seja por meio das visitas ou pela integração dessas pessoas nas equipes dos museus. Já a acessibilidade **física**, uma das mais discutidas pelas instituições, se relaciona à estrutura e à arquitetura dos museus, como construção de rampas de acesso, elevadores, banheiros acessíveis, piso tátil dentre outras adaptações que estão previstas nas legislações

brasileiras. Por fim, a acessibilidade **comunicacional** prevê a capacidade de comunicar para todos. No caso da exposição, pode-se utilizar textos enxutos e objetivos, caracteres ampliados, legendas em Braille e vídeos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), dentre outras **tecnologias assistivas**.

### Tecnologia assistiva ou ajuda técnica

Produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (BRASIL, 2015)



Presépio do Pipiripau  
de Pedro Peixoto

Para que as ações educativas sejam acessíveis, é preciso ter materiais multissensoriais e estratégias de inclusão para que as pessoas com deficiências participem equitativamente das atividades. No caso do MHNJB-UFMG, os grupos informam no momento do agendamento se há pessoas com deficiência e qual o tipo de deficiência. Essa informação auxilia no planejamento do atendimento.

### Você sabia?

Igualdade e equidade são conceitos diferentes. Nas ações de inclusão buscamos a equidade, ou seja, dar o que cada um necessita para que todos tenham as mesmas oportunidades.



Igualdade



Equidade

Além disso, atualmente as instituições estão pensando a acessibilidade de maneira mais ampla, considerando a inclusão das pessoas com deficiência, mas também a de outros grupos muitas vezes considerados como não públicos, seja por fatores de renda, racial e etário. Nesse sentido, o público idoso é compreendido como uma parcela ainda a ser conquistado pelos museus, essa situação é evidenciada pela literatura e pelas pesquisas de públicos. A legislação brasileira (Estatuto da pessoa idosa) considera a pessoa idosa aquela com idade de 60 anos ou mais, com o crescente aumento da expectativa de vida da população brasileira, essa parcela da população cada vez mais estará presente nos espaços culturais. Assim, as ações para garantir o direito de acesso à cultura das pessoas idosas envolve considerar a sua diversidade, pois as pessoas podem apresentar mudanças físicas diferentes em relação ao envelhecimento. Em relação a isso Denyse Oliveira (2019) coloca que em função do comprometimento físico da pessoa idosa, aproveitar a visita ao museu dependerá de um

apoio por parte da instituição, a exemplo, deslocamento por carrinhos elétricos em trajetos longos, elevadores, utilização de cadeiras de rodas. A autora chama a atenção para o fato de o público idoso necessitar de um maior apoio ou adaptação das atividades educativas, esse é um público adulto e com níveis de autonomia e questões de mobilidades diferentes, mas esse processo de inclusão de pessoas idosas é diferente do atendimento de grupos e pessoas com deficiência.



Área central do MHNJB-UFMG de Foca Lisboa

## Dicas para o atendimento a pessoas com deficiência:



Sempre se comunique diretamente com a pessoa com deficiência, não com o seu intérprete ou assistente/acompanhante pessoal;



Trate a pessoa com deficiência com respeito e de maneira adequada considerando a sua autonomia;



Verifique se a pessoa necessita de algum tipo de auxílio e/ou suporte. Preste o auxílio respeitando os limites colocados pela pessoa;



Utilize durante as visitas recursos educativos multissensoriais que possam ser tocados e que possibilitem trabalhar outros sentidos para além da visão e audição;



Planeje as visitas e atividades considerando a presença desse público.

### Você sabia?

A Dra. Amanda Tojal fez uma palestra sobre acessibilidade em museus no MHNJB - UFMG, em maio de 2023. A gravação pode ser acessada em [Palestra Maio 2023](#)

No website "[Arte e Inclusão](#)" você pode encontrar publicações e vídeos sobre acessibilidade em museus.

# 5

Capítulo

## Abordagens para diferentes públicos

**N**o cotidiano de um museu há a presença de visitantes de diversas idades, seja nas visitas espontâneas ou escolares. No caso das visitas escolares, são atendidos alunos da Educação Infantil ao Ensino Superior, além disso a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Vale destacar que a EJA é destinada a pessoas que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade indicada pela legislação, essa situação exige um atendimento específico e com estratégias com o objetivo de

reconhecer as especificidades desses sujeitos e buscando não infantilizá-los.

Cada um desses público demanda métodos específicos no momento da mediação, seja a adaptação da linguagem, a utilização de outras materialidades além da própria exposição, por exemplo, imagens impressas, recursos táteis dentre outros. Além disso, é muito importante mapear a existência de pessoas com deficiência nas visitas para estabelecer ações que possam incluí-las nas visitas, normalmente essa informação

está indicada no documento de agendamento semanal do museu. No caso das visitas espontâneas como não há informações prévias se faz necessário já planejar as ações educativas considerando a presença desse público e prevendo a utilização de recursos e tecnologias assistivas que promovam a inclusão e a acessibilidade. Abaixo, estão algumas orientações para o planejamento de atendimento para diferentes faixas etárias:

## Educação infantil

*Creche para crianças de 0 a 3 anos, pré escola para crianças de 04 até 05 anos*

- As crianças aprendem e constroem a sua cultura por meio das brincadeiras e jogos, por isso uma das estratégias para esse público é abordar os conteúdos por meio de brincadeiras.
- É preciso tomar cuidado com a linguagem para essa faixa etária, evitando usar jargões e termos técnicos. É possível abordar diversos assuntos do museu com as crianças, mas para isso é necessário fazer adapta-

ções de linguagem e aprofundamento de discussão. Explorar a curiosidade das crianças por meio de perguntas e considere a fala delas na construção da abordagem dos conteúdos;

- Utilizar elementos que possam ser tocados e explorem outros sentidos para além da visão.
- Fazer combinados com as crianças para organizar a visita, em vez de usar uma linguagem proibitiva do museu como o local do não (essa vale para todos os públicos);
- Considerar o tempo das crianças para se deslocar na exposição, a sua capacidade de atenção e concentração, às necessidades de pausa para idas ao bebedouro e banheiro, bem como o intervalo de uma atividade para a outra.
- Atualmente, algumas instituições culturais desenvolvem atividades voltadas para bebês, mas essas ações, em geral, acontecem como parte da programação sem ser em grupos de creches.

## Ensino Fundamental

*Se divide em: anos iniciais de 06 até 10 anos; anos finais de 11 até os 14 anos*

- Nos anos iniciais do Ensino Fundamental as abordagens colocadas para educação infantil prevalecem, com as devidas adaptações nas faixas etárias.
- Para os anos finais do Ensino Fundamental, durante as visitas procure ouvir os estudantes para compreender os seus interesses dentro da temática da visita.
- Elabore estratégias para garantir uma visita mais dialogada, por meio de perguntas, desafios, jogos e brincadeiras.
- Considere os conhecimentos prévios dos membros do grupo para mapear os interesses e construir a mediação.
- Utilizar elementos que possam ser tocados e explorem outros sentidos para além da visão.



Macaco-prego (*Sapajus apella*) de Miguel Aum

## Ensino médio

*15 até os 17 anos*

- É importante estabelecer momentos de autonomia desse público dentro das exposições, permitir a fruição para que eles observem, interajam com os temas de interesse, sem ser pela fala do educador.
- Os adolescentes e jovens precisam ser entendidos como sujeitos sociais que elaboram seus modos de ser, baseados nas suas experiências cotidianas. Assim, eles possuem visões de mundo, a serem consideradas durante as visitas, assim vale promover espaços de diálogos durante as mediações para escutar as falas desse público sobre os conteúdos e objetos expostos, muitas vezes surgem considerações que enriquecem o processo da visita.
- Utilizar elementos que possam ser tocados e explorem outros sentidos para além da visão.

## Educação de Jovens e Adultos

*Fundamental com idade a partir de 15 anos e Ensino Médio com idade a partir de 18 anos*

- Uma das características desse grupo é ser composto por jovens, adultos e idosos. Isso exige atenção do mediador, em relação à linguagem, ao seu tempo de fala, a estratégias de acessibilidade voltadas para o público idoso, tais como mais pausas para descanso e fruição.
- Evite infantilizar esse público. Apesar de muitas vezes estarem cursando as séries iniciais do ensino fundamental, os grupos são constituídos por trabalhadores(as), chefes de famílias, avós e avôs etc. Ou seja, possuem uma vasta experiência de vida e de mundo que precisa ser considerada e incorporada durante as visitas.

## Ensino superior

O público de grupos de instituições de ensino superior em geral possuem demandas específicas e suas visitas às vezes são para aprofundar temas já trabalhados em suas aulas.

## Público adulto incluindo idosos

- O público adulto no museu busca aprender e ampliar seus conhecimentos sobre os objetos expostos, por meio da livre escolha orientada muitas vezes por gostos pessoais.
- O público adulto na maior parte das vezes realiza visitas espontâneas, estando em grupo ou não, e buscam uma relação direta com a exposição. Interação, em geral, com os educadores para sanar dúvidas específicas ou quando participam de momentos de visitas mediadas.
- É importante considerar a aprendizagem ao longo da vida, pois pode acontecer de durante a visita a presença de pessoas que irão ter contato com conceitos expostos pela primeira vez.
- Nas visitas com a presença de pessoas idosas é importante realizar pausas para descanso, além disso sempre que possível disponibilize cadeiras ou bancos para que durante a visita ou oficina quando alguém se sentir cansado, possa sentar.
- Na relação com o público idoso, busque escutá-los e valorize a fala deles, muitas vezes o contato com o conteúdo exposto desperta memórias que enriquecem o processo de troca da mediação.
- Nas mediações com público idoso evite infantilizá-los, pois eles são adultos em outra fase da vida e não crianças.
- Compartilhe durante a mediação o protagonismo da visita com o grupo, principalmente com pessoas idosas, pois as memórias e vivências trocadas na visita enriquecem a mediação.
- Nas mediações em que o

grupo é composto por pessoas idosas é importante mapear a diversidade existente, para realizar a adaptação das propostas de atividades durante a visita. Pois, apesar da idade relativamente próxima, eles podem apresentar necessidades de adaptação de conteúdo e de mobilidade diferentes.

- Utilize elementos que possam ser tocados e explorem outros sentidos para além da visão.

## **Famílias / grupos com adultos e crianças**

- Famílias e grupos com crianças e adultos são um público frequente dos museus, em especial, aos finais de semana e períodos de férias escolares. Assim, é importante pensar em atividades, visitas que permitam a interação das crianças e adultos, construir momentos para que os adultos não sejam apenas espectadores enquanto as crianças participam ativamente da mediação ou oficina.

- Para além da busca de conhecimentos, esse grupo enxerga o espaço dos museus como um local para o lazer e fruição, ou seja, os adultos enxergam na visita uma oportunidade para as crianças se divertirem e construir conhecimentos.
- É interessante pensar em atividades e visitas que possam ser executadas de maneira autônoma pelas famílias ou grupos de adultos e crianças, pois muitas vezes os responsáveis têm interesse de utilizar aquele momento da visita para uma maior interação com as crianças e apresentar a elas os conceitos expostos. Esse tipo de ação deve ser divulgada anteriormente para as pessoas se programarem para participar ou ser mais uma opção para além das atividades conduzidas em parceria com o educativo do museu.
- Utilize elementos que possam ser tocados e explorem outros sentidos para além da visão.

- Orientações em comum para todos os públicos:
- Estabelecer ações que promovam o diálogo e a autonomia do público durante a visita;
- Utilizar elementos que possam ser tocados e explorem outros sentidos para além da visão;
- É preciso tomar cuidado com a linguagem, evitando usar jargões e termos técnicos, quando a utilização de termos técnicos for essencial, vale contextualizar e explicar o seu significado para o público.
- É comum a presença nos grupos de estudantes que estão visitando um museu pela primeira vez na vida, principalmente os de instituições públicas, por isso o momento de acolhimento dos grupos é importante para gerar nessas pessoas o sentimento de pertencimento e diminuir as barreiras simbólicas do museu existentes para uma parcela da nossa sociedade.

---

### **Para saber mais**

A publicação "EJA, Espaço e Cultura: Direito à cidade", de 2021, discute as características dessa modalidade de ensino, além disso apresenta as experiências de visitas de professores e alunos a museus e centros culturais da cidade de Belo Horizonte. O material pode ser consultado em:

---

### **Indicação de conteúdo**

O filme "Últimas conversas", do cineasta Eduardo Coutinho, mostra entrevistas com estudantes do ensino público do Rio de Janeiro, em processo de conclusão. As conversas giram em torno de suas vidas e expectativas para o futuro. O filme é interessante por possibilitar uma reflexão sobre as juventudes.

# 6

Capítulo

## Visitação ao MHNJB-UFMG

Os visitantes do MHNJB geralmente circulam por uma parte do museu que concentra as áreas visitáveis. Essas áreas são compostas por trilhas e caminhos dentro do jardim botânico, exposições, jardins, viveiro, biblioteca, auditório, cantina e sanitários.

Há um folder impresso e digital que apresenta um mapa dessa área visitável e também as regras de visitação.

---

### Mapa das áreas visitáveis



## 6.1. Regras de visitação

Pedimos aos visitantes atenção para as seguintes regras:

### Não é permitido:

- Ingressar no museu com animais de estimação – **serão abertas exceções para cães-guia.**
- Entrar nas trilhas sem a companhia de monitores.
- Colher flores e frutos, arrancar mudas ou qualquer material sem autorização prévia.
- Alimentar ou maltratar os animais.
- Utilizar celular para ligações e consumir alimentos dentro

das exposições.

- Tocar nas peças expostas, exceto nos casos em que a interação for permitida pelos educadores.

### Recomendamos aos visitantes:

- Utilizar sempre o espaço da cantina para lanches.
- Utilizar sempre as lixeiras disponíveis nas áreas de exposição, lembrando que as mesmas não estão disponíveis ao longo das trilhas.
- Ter cuidado com fósforo e cigarro pois eles podem ocasionar incêndios.

### Informamos aos visitantes que:

- A realização de piqueniques é permitida, mas apenas nas áreas destinadas para este uso, tendo o cuidado de mantê-las limpas. Não será permitido nenhum comprometimento físico ou visual dessas áreas.
- A entrada de veículos só será permitida em casos especiais e mediante autorização da portaria.



Tronco de Miguel Aum

## 6.2. Horários de visitação

Verifique os horários de visita o atualizados no website do MHNJB-UFMG:

**Observa o:** Em ocasiões especiais, os visitantes podem acessar áreas normalmente fechadas aos públicos externos, assim como participar de atividades em período noturno ou fora do horário regular do MHNJB-UFMG. Por exemplo, no evento "Noturno dos museus" promovido pela Prefeitura de Belo Horizonte [<https://portal-belo Horizonte.com.br/noturno-nosmuseus>] o MHNJB-UFMG ficou aberto   visita o até mais tarde.



Prédio Administrativo de Foca Lisboa

### 6.3. Como se faz agendamento de visitas de grupos ao MHNJB?

O agendamento de visitas é realizado para grupos com no mínimo de 10 pessoas de instituições não escolares e de ensino, públicas e privadas, desde a Educação Básica até a Superior . O número máximo de pessoas por grupo depende do Circuito Agendado, essa informação está disponível [no site nas informações de cada Circuito existente](#). Os grupos pagam uma taxa no valor de R\$12,00 por pessoa do grupo (com possibilidade de desconto de 50% para as públicas). Há isenção para crianças até 5 anos, adultos acima de 60 anos, estudantes UFMG e funcionários UFMG. Além disso, estão isentos de taxa os professores ou responsáveis por acompanhar os grupos. O pagamento é efetuado por meio de boleto que será gerado e encaminhado via email após escolha da Ação Educativa ou Evento e confirmação da visita.

Vale destacar que cada instituição pode agendar até 3 turmas por mês, os agendamentos são

realizados ao longo do ano nos meses de abril a dezembro e esse processo acontece por meio de um formulário disponibilizado no site para cada um dos Circuitos. As visitas em geral tem a duração de 2h30m, contemplam um trilha pela mata do museu, acesso às exposições de longa e curta duração, bem como uma oficina relacionada ao circuito escolhido. Essas atividades realizadas durante a presença dos grupos no museu são planejadas pela equipe educativa, composta por técnicos administrativos da UFMG e bolsistas de extensão oriundos de diversos cursos de graduação da universidade. Dúvidas referentes ao agendamento podem ser encaminhadas para: [agendamentocenex@mhnjb.ufmg.br](mailto:agendamentocenex@mhnjb.ufmg.br)



Pitáia (*Selenicereus setaceus*) de João R. Stehmann

# 7

Capítulo

## Temas que podem ser abordados nas visitas educativas

**H**á inúmeros temas que podem ser tratados em visitas ao MHNJB-UFMG em função da diversidade de seu acervo, de suas exposições e das diferentes linhas de pesquisa desenvolvidas pelos Centros Especializados. Entre os temas que podem ser tratados estão: Arqueologia, Botânica, Cartografia histórica, Cultura popular, Ecologia, Geociências, História, Paleontologia, entre outros.

### Paleontologia

A exposição de Paleontologia do MHNJB convida o visitante a refletir sobre a história da vida na Terra por meio de registros fósseis de várias espécies, de esqueletos de grandes mamíferos – como as preguiças gigantes – e até de uma réplica de Titanossauro. O salão conta, ainda, com um diorama, em que se simula uma escavação paleontológica e com que se presta uma homenagem ao «Pai da Paleontologia Brasileira», o dinamarquês Peter Lund, que, du-

rante anos, realizou escavações na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais. Na entrada da exposição existe um enorme quadro sobre a evolução biológica da vida no planeta. O objetivo imediato da atividade educativa na exposição de Paleontologia consiste em mostrar os fósseis no tempo geológico, a fim de elucidar como se deu a evolução da vida no planeta, e, que a evolução está marcada por eventos de extinção em massa.

## Cartografia Histórica

O MHNJB possui um acervo de Cartografia Histórica composto por documentos originais e cópias de representações dos territórios da América Portuguesa, do período colonial com as antigas capitanias do Brasil, de províncias do Império do Brasil. Além disso, plantas de vilas e de cidades.



*“Centro de referência cartográfica (palacinho)”  
de Foca Lisboa*

Vale destacar, que o acervo é composto por um conjunto de documentos originais, produzidos entre 1650 e 1844, abordando a cartografia da América do Sul e do Brasil. Mas, a maioria do acervo é composta por documentos dos séculos XVII e XIX, representando o estado de Minas Gerais e outros da região sudeste. Outro dado é a presença de cópias de plantas e croquis, elaborados por estudiosos que percorreram o território brasileiro, até o primeiro quartel do século XIX, os quais representam importantes registros geológicos e geográficos.

A exposição do Centro de Referência de Cartografia Histórica apresenta como as várias ciências se encontram e deixam suas representações nos mapas. E busca discutir a sua utilização para comunicar e informar aspectos do mundo conhecido e, às vezes, imaginado, fruto do trabalho, entre outros, de cartógrafos, geógrafos e geólogos. Além disso, também tem o intuito de apresentar como os mapas podem chamar a atenção por seus aspectos artísticos. A exposição apresenta mapas do território de Minas

Gerais do século XVIII e XIX. O Centro de Referência de Cartografia Histórica se encontra instalado em uma bela edificação do início do século XX.

Entre as possibilidades de visita no MHNJB está o Circuito Cartografia Histórica, com o objetivo de revelar histórias envolvendo a ocupação e a formação de territórios por meio da análise de documentos cartográficos antigos. Esse Circuito se divide em três possíveis ênfases: A formação territorial de Minas Gerais por meio da Cartografia História; Vilas e cidades; História da Cartografia.



Pitanga (*Eugenia uniflora*) de  
Thamyris Bragion

## Arqueologia

Muita informação sobre os ancestrais dos seres humanos está depositada em objetos, pinturas e demais vestígios deixados por eles no ambiente em que viviam.

O acervo arqueológico do MHN-JB compreende testemunhos de ocupação humana no estado de Minas Gerais desde cerca de 14 mil anos atrás até objetos pertencentes a ocupações mais recentes.

A exposição **“Diversidade em contextos arqueológicos indígenas de Minas Gerais ao lon-**

**go dos últimos 14 mil anos”** tem como objetivo principal propiciar a compreensão da diversidade cultural e pluralidade do ser humano no período pré-colonial. Apresenta duas técnicas de comunicação muito utilizadas, o entalhe e a pintura rupestre. A exposição apresenta a reprodução de quatro sítios arqueológicos de cronologias diversas (a partir de quatorze mil anos) e com características culturais diferentes, além de um bloco expositivo central com informações sobre alimentação e tecnologias de fabricação de artefatos.



Cerâmica do Sítio Florestal II (Vale do Rio Doce) de Mariana Dutra

## Arte Popular

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG guarda um importante tesouro da arte popular – o Presépio do Pipiripau. O presépio foi construído pelo artesão **Raimundo Machado** apresenta cenas da vida de Jesus Cristo em meio a uma representação de uma cidade com figuras móveis e cenas. Na instalação é possível abordar aspectos biográficos do artista e outros relativos às temáticas representadas no presépio. Dependendo do dia em questão, após a apresentação oral pela equipe do educativo, o Presépio poderá ser ligado, proporcionando uma apreciação da movimentação cênica do mesmo.

Encontra-se também no seu acervo peças oriundas da região do Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais, envolvendo objetos cerâmicos utilitários e decorativos, que constituem obra única e internacionalmente reconhecida por conta da sua originalidade e refinamento. Estas peças não estão em exposição atualmente.



Presépio do Pipiripau  
de Pedro Peixoto

## Raimundo Machado Azeredo

Raimundo Machado Azeredo (Matozinhos – MG, 1894; Belo Horizonte - MG, 1988). Ainda criança foi morar em Belo Horizonte. Depois de ver vários presépios em Belo Horizonte, decidiu construir o seu, com o movimento das peças. Durante décadas construiu o presépio. "(...) aprendeu a moldar formas de gesso com um artista português quando trabalhava na Empresa Gravatá (1922), fabricando assim grande parte de suas obras. Ousou utilizar também vidrinhos, conchinhas, sucatas, papiér-marché, Eucatex, tecidos, plásticos, tampinhas, vegetação natural e artificial, etc. Na engrenagem que faz todo o presépio se movimentar também nos surpreende a diversidade de materiais (...)." (Fonseca, 2020, p.9). O presépio foi sendo ampliado na própria residência do artista, na Avenida Silviano Brandão. Em 1976 foi transferido para o MHNJB-UFMG e em 1984 o "Presépio do Pípiripau" foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Veja mais no vídeo Nascimento Paixão e Morte segundo Pípiripau (1989) - José Adolfo Moura em Nascimento Paixão e Morte segundo Pípiripau (1989) - José Adolfo Moura

---

### Para saber mais sobre o Presépio do Pípiripau

Veja o debate "Histórias do Pípiripau" com os professores José Adolfo, Fabrício Ferdinando, Bethania Veloso realizado em dezembro de 2020 em:

Veja o vídeo "Visita ao Presépio" (2020) em:

## Botânica

O estudo dos organismos fotossintéticos, também conhecido como Botânica ou Biologia Vegetal, abrange uma ampla gama de seres vivos, como plantas, algas e algumas bactérias que produzem seus próprios alimentos por meio da fotossíntese. É digno de nota que a Botânica só recentemente surgiu como uma disciplina separada da medicina, onde era anteriormente considerada um subcampo centrado nas propriedades medicinais de várias plantas. A biologia vegetal é uma área que se dedica ao estudo de diversos aspectos que dizem respeito à vida e ao crescimento das plantas. Múltiplas subdisciplinas atuam nesta área, com foco nas características externas e internas das plantas e suas funções. Uma área vital de investigação neste campo inclui a identificação, nomenclatura e classificação de várias espécies de plantas, bem como a sua evolução ao longo do tempo. Outra área significativa de estudo envolve a avaliação das relações e interações dinâmicas entre plantas e outros organismos vivos.



Trilha na mata de Miguel Aum



Jardim das Plantas Medicinais de Pedro Peixoto

As coleções botânicas do MHN-JB são de dois tipos, uma composta por **exemplares preservados** e outra por **exemplares vivos**.

As **coleções preservadas** consistem na coleção carpológica, que consiste no estudo de sementes e frutos, da reserva técnica do MHNJB, na coleção medicinal e na coleção de exsiccatas. As exsiccatas são uma amostra de plantas ou algas que são prensadas e secas para conservação, em geral afixadas em uma superfície de papel.

As **coleções vivas** consistem em uma coleção de conservação ex-situ (fora do local) composta principalmente por exemplares de orquídeas e bromélias, coleção de plantas medicinais, aromáticas e alimentícias de caráter e o arboreto que constitui a reserva de conservação in-situ (no local ou lugar), composto principalmente por espécies do bioma florestal da Mata Atlântica.

Além destas, há também a coleção de plantas ornamentais que compõem os jardins da instituição.

## Ecologia

O estudo da interação entre os organismos vivos e seu entorno é o aspecto fundamental da ecologia. Ernest Haeckel, biólogo alemão, foi a primeira pessoa a usar o termo "ecologia". Isso aconteceu em 1866, em sua publicação "Morfologia Geral do Organismo".

Ecologia é um termo derivado da língua grega, onde "Oikos" significa "casa" e "Logos" significa "estudo". Consequentemente, a ecologia pode ser definida como o estudo do ambiente, que é essencialmente a "casa", e o exame das interconexões entre os organismos dentro desse espaço físico.

Na reserva florestal do MHNJB, é possível fazer uma caminhada ressaltando a beleza do ecossistema e como os diferentes componentes bióticos (organismos vivos) e abióticos (fatores ambientais) interagem uns com os outros. Um caso que pode ser contemplado na mata e que é mais fácil de ver são as relações Harmônicas Intraespecíficas, que são as relações em que os indivíduos não fazem mal

para ninguém, a exemplo de indivíduos da mesma espécie que vivem sociedade, na qual conseguimos ver uma nítida divisão de trabalho, como por exemplo os cupins, formigas e abelhas.

## Geociências

A parte geológica do acervo do MHNJB é composta por rochas de valor gemológico ou industrial, ornamentais ou não, mas importantes para a compreensão dos processos geológicos que as formaram.

Esses materiais parcialmente expostos ajudam a contar a história da formação dos solos e das principais jazidas minerais de Minas Gerais, com foco na mineração de ouro, diamantes e minério de ferro.

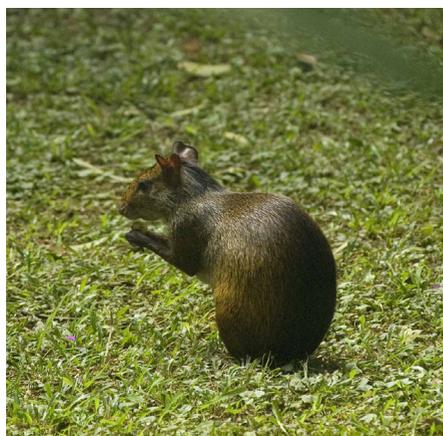
## Zoologia

A coleção MHNJB consiste em espécimes zoológicos compostos por espécimes entomológicos, ornitológicos, mastozoológicos e malacológicos.

Além de estes, também estão incluídos na coleção peles de coruja, materiais regurgitados

de corujas preservados em líquido e vidro, vários restos de esqueletos, individuais em conjuntos e preservados em vidro, peixes, répteis, anfíbios, crustáceos, moluscos, poríferos, anelídeos, equinodermos, vermes, entre outros, também conservados em meio líquido em vidro, além de exemplares taxidermizados.

Além disso, no acervo do museu encontram-se exemplares vivos de diversos animais, entre eles a cutia, jacu entre muitas outras espécies. A publicação do livro 50 animais do museu apresenta uma seleção da rica fauna encontrada no MHNJB, abrangendo espécies nativas e não nativas da área.



Cutia (*Dasyprocta prymnolopa*) de Miguel Aum

---

### Para saber mais

O livro "50 Animais do Museu" de Alexandre Ferreira Righi e Flávia Santos Faria apresenta fotografias da fauna do Museu de História Natural de Jardim Botânico e descreve suas características morfológicas, comportamentais e traz também curiosidades. Para saber mais clique aqui:

---

### Você sabia?

O MHNJB-UFMG tem em sua estrutura 9 Centros Especializados: Arqueologia Histórica, Arqueologia Pré-Histórica, Arte Ambiental, Botânica e Biodiversidade, Cartografia Histórica, Conservação e Restauração de Acervos, Paleontologia, Patrimônio Geológico e Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas.

Para mais detalhes veja no site do Museu:

# 8

Capítulo

## Os roteiros de visitas educativas ao MHNJB-UFMG para grupos agendados

**8.1. Para realizar um roteiro educativo é preciso elaborar um planejamento que deve conter pelo menos os seguintes itens**

**Nome da ação educativa / nome do roteiro:**

**01. Justificativa** *(por quê?):*

**02. Públicos-alvo** *(para quem?):*

**03. Objetivos** *(o que se pretende com essa ação? Quais os saberes que desejamos que participantes/educandos desenvolvam?):*

Objetivos Geral:

Objetivos Específicos:

**04. Tempo de duração**

**05. Número de pessoas por horário** *(quantas pessoas podem participar cada vez que a ação for desenvolvida? Incluir responsáveis e participantes):*

**06. Local** *(onde será desenvolvida a ação? Em quais salas / ambientes?):*

**07. Etapas da ação educativa** *(descrever cada uma das etapas)*

**08. Acolhimento** *(primeiro contato com participantes / importante para estabelecer canal de comunicação com grupo e motivar):*

**09. Desenvolvimento** *(o que será feito, como ação se desenvolve, quais os temas tratados, metodologias...):*

**10. Fechamento** *(finalização da atividade, consolidação dos temas tratados, motivação para volta, para novas pesquisas, para novas perguntas etc.):*

**11. Materiais de apoio** *(além do que já existe nas exposições e espaços no museu, informar se vão ser usados materiais como réplicas, fotografias, reproduções, jogos etc.)*

**12. Equipe necessária** *(quantas pessoas são necessárias para desenvolvimento da ação educativa? Quais perfis e funções?):*

**13. Avaliação** *(Como será feita a avaliação da ação educativa? Quem vai ser "informante" da avaliação?)*

**14. Orçamento / Custos** *(quais os custos previstos para que a ação possa ocorrer?)*

**15. Fontes e referências** *(textos, artigos e outros documentos que auxiliam no entendimento dos conteúdos tratados na ação educativa para que educadores se preparem)*

# Continuidade

Este volume é a primeira parte do Guia do/a Educador/a do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG que apresentou alguns temas mais gerais relacionados ao MHNJB-UFMG e à educação museal. Esperamos que seja útil como material de consulta e de formação às pessoas interessadas.

No próximo volume serão apresentados os roteiros ou circuitos das visitas educativas oferecidos pelo Setor Educativo do MHNJB-UFMG.

# Referências

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>

BRASIL, Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. Portaria Nº 422, de 30 de Novembro de 2017. **Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal - PNEM e dá outras providências**. Brasília,DF, 2017. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/Portaria-422-2017-PNEM.pdf>>

BRASIL. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)

CARVALHO, C.; LOPES, T. O Público Infantil nos Museus. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 3, p. 911–930, jul. 2016. <https://doi.org/10.1590/2175-623652329>

CAZELLI, Sibeles; VALENTE, Maria Esther. INCURSÕES SOBRE OS TERMOS E CONCEITOS DA EDUCAÇÃO MUSEAL. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 18-40, set. 2019. ISSN 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/40729>>. Acesso em: 14 janeiro. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/redoc.2019.40729>.

Coletivo Autista da UFMG. **Lugar de Autista é na UFMG**: Cartilha pedagógica para professores, 2023. <https://drive.google.com/file/d/1F53rRWdG4-CdgjepVXB2KTTZK1dGVcvQ/view>

COSTA, Andréa; CASTRO, Fernanda; CHIOVATTO, Milene; SOARES, Ozias. Educação Museal. Instituto Brasileiro de Museus. In: **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. 132p.

CHIOVATTO, Milene; AIDAR, Gabriela; STIVALETTI, Aline. Meu Museu: espaço de memórias compartilhadas. **Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento**. São Paulo, v.27, n.65, p.38-51, set. 2016. Disponível em: <[https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/10423\\_MEU+MUSEU+ESPACO+DE+MEMORIAS+COMPARTILHADAS](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/10423_MEU+MUSEU+ESPACO+DE+MEMORIAS+COMPARTILHADAS)> acesso em novembro de 2023

DA SILVA, A. F. .; LORENZETTI, L. Os museus de ciências como espaço da Educação Ambiental: : um estudo de caso do museu Parque da Ciência Newton Freire Maia. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 196–219, 2022. DOI: 10.14295/remea.v39i1.12530. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/12530> . Acesso em: 2 out. 2023.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.** [online], n.24, p.40-52, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>>, acesso em 12 dez. 2023.

FONSECA, J. F. D. M. A Modernidade do Presépio do Pipiripau. **Mescla**, Ouro Preto, vol 1, n1, 2020.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.

ICOM NATHIST. **ICOM Code of Ethics for Natural History Museums**, 2013. Disponível em [https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/nathcode\\_ethics\\_en.pdf](https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/nathcode_ethics_en.pdf)

ICOM. Histórico – Nova Definição de Museu, **ICOM**, 2020. Disponível

em: [http://www.icom.org.br/?page\\_id=2781](http://www.icom.org.br/?page_id=2781).

LENOIR, Timothy. Ciência produzindo a natureza : o museu de história naturalizada. **Episteme** (Porto Alegre) : filosofia e história das ciências em revista. Porto Alegre. Vol. 2, n. 4 (1997), p. 55-72. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/135329>

LOUREIRO, José Mauro M. Entre "natureza morta" e cultura viva: os museus de história natural. **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.161-171, 2007. [http://www.sbhcc.org.br/resources/download/1320064435\\_ARQUIVO\\_artigos\\_4.pdf](http://www.sbhcc.org.br/resources/download/1320064435_ARQUIVO_artigos_4.pdf)

MARCUZZO et al. TRILHAS INTERPRETATIVAS, UMA FERRAMENTA EFICIENTE PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Revista Educação Ambiental em Ação**, Volume XIII, Número 51, 2015. Disponível em <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2015>

MARTINS, Luciana C. (org.) **Que público é esse**: Formação de público de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013. Disponível em: <https://www.percebeeduca.com.br/conteudos/visualizar/Que-publico-e-esse-Formacao-de-publico-de-museus-e-centros-culturais>

MEYER, G. C.; MEYER, G. C. Educação Ambiental em Museus de Ciência: diálogos, práticas e concepções. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 70–86, 2014. DOI: 10.34024/revbea.2014.v9.1822. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/1822> . Acesso em: 13 set. 2023.

OLIVEIRA, Denyse Amorim de. A experiência museal do idoso no Museu da Vida: acessibilidade, interação e diálogo. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

OLIVEIRA, D. and Guimarães, V. (2020). Idosos no Museu da Vida – uma experiência que dialoga com a acessibilidade e interação **JCOMAL** 3(01), A05. Disponível em <https://doi.org/10.22323/3.03010205>

PESSOA, Sônia Caldas; MANTOVANI, Camila; MARQUES, Ângela Salgueiro e JÁCOME, Phellipy Pereira. **Comunicação e acessibilidades: um guia para práticas hospitalares**, Porto Alegre : Fi, 2023. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1ijB4ukgMB-NUwDHnEM\\_m-WgitmCEmC1sJ/view](https://drive.google.com/file/d/1ijB4ukgMB-NUwDHnEM_m-WgitmCEmC1sJ/view) / <https://www.editorafi.org/ebook/706-comunicacao-acessibilidades>

REIS, Juliana dos; JESUS, Rodrigo de. Culturas juvenis e tecnologias. In: ALVES, Maria Zenaide; CORREA, Licinia Maria; LINHARES, Carla (org.) **Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio** .1º edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 44 p. ISBN 978-85-423-0113-7. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/07/Caderno-04-Culturas-Juvenis-e-Tecnologias-2.pdf>

SABINO, Heli (org.) **EJA, ESPAÇO E CULTURA: Direito à Cidade**. FaE/UFMG / Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/educacao/2022/caderno-eja-1-espaco-cultura.pdf>

SALASAR, Desirée Nobre. **Um museu para todos**: manual para programas de acessibilidade. Pelotas: Editora da UFPel, 2019. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4390?show=full>

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não-formal: um conceito em movimento. In Itaú cultural. **Visões singulares, conversas plurais**, 2007, p.13-38. Disponível em <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/000459.pdf>

TOJAL, Amanda. Acessibilidade e Inclusão de públicos especiais em museus. In: **Caderno de Acessibilidade**: Reflexões e experiências em exposições em museus. São Paulo: Expomus, 2010, p. 11-19. Disponível em: <<http://arteinclusao.com.br/wp-content/uploads/2019/01/caderno-de-acessibilidade-expomus.pdf>>, acesso em 31 de maio de 2023.

TOLENTINO, Átila B. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In TOLENTINO, Átila B.; BRAGA, Emanuel Oliveira (orgs.). **Educação Patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. (Caderno Temático n. 05). João Pessoa: Iphan-PB/Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016, p.38-48.

VAN LONKHUIJZEN, D. M.; VARGAS, I. A. de; ZANON, A. M.; WIZIACK, S. R. de C. Educação Ambiental e museus: janelas epistemológicas do passado, presente e futuro. **Interações (Campo Grande)**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 617–634, 2022. DOI: 10.20435/inter.v23i3.3435. Disponível em: <https://interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/3435>. Acesso em: 20 set. 2023.

# Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG

## Diretor

Prof. João Renato Stehmann  
(pró-tempore)

## Vice-diretora

Prof<sup>a</sup>. Fernanda Antunes Carvalho  
(pró-tempore)

## Setor Educativo

Edilene de Assis Simões e Avelar  
Fernanda Bichara  
Gabriel Teixeira Casela  
Nilzilene Imaculada Lucindo

## Setor de Museologia e Conservação

André Leandro Silva  
Amanda Luzia da Silva  
Larissa de Oliveira Magalhães  
Ludmila Serra Vieira de Souza

## Setor Jardim Botânico

Jacqueline Gomes Rodrigues  
Alessandra Abraão Resende  
Alexandre Ferreira Righi  
Fabrício Fábrega de Oliveira  
Flávia Santos Faria  
Francisco Davi da Silva

Renato Salim

Vitor de Jesus Santos

## Núcleo de Apoio Acadêmico

Patrícia Alves Valadares

## Gerência

Marco Antônio Mendef

## Secretaria Administrativa

Cynthia Márcia Augusto Silva

## Assessoria de Comunicação

Elisângela Aparecida dos Santos  
Mariana Dutra de Carvalho Lopes

## Biblioteca

Maria Leonor Amorim Antunes

## Setor de Compras

Marcelo Antônio de Oliveira  
Pedro Paulo Pereira Pinto

### **Setor Financeiro**

Rosecléia Cristina da Silva  
Moraes

### **Setor de Patrimônio**

Marilaine de Souza

### **Setor de Pessoal**

Andréia Pacheco Pereira  
Teixeira

### **Setor de Tecnologia da Informação**

Antônio Augusto Pontelo Costa  
Jordan Marcel Pereira

### **Projeto Arquitetônico**

Mário Jorge Las Casas

### **Projetos Institucionais**

Carlos Rogério Costa Camilo

### **Serviços Gerais**

Alcino Pires da Silva  
Inácio dos Santos Pereira  
João Lúcio Câmara  
Juarez dos Santos Israel  
Márcio Antônio da Silva  
Rubem José Mangabeira Dias

